

NOEMI JAFFE

FELIPE VALÉRIO

JOÃO PAULO VEREZA

ANTÔNIO TIBAU NÃO É SÓ POR

CARINA B. 20 CONTO

TONINHO LIMA

JANDA MONTENEGRO

EDUARDO MELLO

RENATA VENTURA

ANDRÉ SALVIANO

LUDMILA MAURER

AUGUSTO ASSIS

GRACIELA MAYRINK

MICHELE MOURÃO

LUCAS ODERSVÄNK

LAPLACE CAVALCANTI

CRISTIANE BROCA

EDMUNDO DAN

RODRIGO ALVES

MARCOS BASSINI (ORG.)

© Copyright: todos os direitos reservados aos autores.

Organizador: Marcos Bassini

Direção de arte: Bruno Magalhães

Revisão: Nivaldo Lemos

Apoio:



“Segundo Hegel, a repetição tem um papel preciso na história: quando algo acontece uma única vez, pode ser desconsiderado como mero acidente (...); mas quando o mesmo evento se repete, é sinal de que estamos lidando com uma necessidade histórica mais profunda.”

Slavoj Žižek (O Ano em que Sonhamos Perigosamente)

“Descuidar e, pior, desprezar os movimentos ditos ‘espontâneos’, ou seja, renunciar a dar-lhes uma direção consciente, a elevá-los a um patamar superior, inserindo-os na política, pode ter frequentemente consequências muito sérias e graves. Ocorre quase sempre que um movimento ‘espontâneo’ das classes subalternas seja acompanhado por um movimento reacionário da ala direita da classe dominante, por motivos concomitantes: por exemplo, uma crise econômica determina, por um lado, descontentamento nas classes subalternas e movimentos espontâneos de massa, e, por outro, determina complôs de grupos reacionários que exploram o enfraquecimento objetivo do governo para tentar golpes de Estado. Entre as causas eficientes desses golpes de Estado deve-se pôr a renúncia dos grupos responsáveis a dar uma direção consciente aos movimentos espontâneos e, portanto, a torná-los um fator político positivo.”

Antonio Gramsci (Cadernos do Cárcere, Volume 3)

“Tudo ao mesmo tempo agora.”

Arnaldo Antunes (Uma Coisa de Cada Vez)

NÃO É SÓ POR 20 CONTOS _____	pag. 5
SORAIA (Noemi Jaffe) _____	pag. 6
RECADO ESCRITO COM BATOM AZUL-ALICE EM UM ESPELHO DOIS POR DOIS NA CONSOLAÇÃO QUASE PARAÍSO PERTINHO DA LIBERDADE (Felipe Valério) _____	pag. 7
SALVE, SALVE O MEU BRASIL (João Paulo Vereza) _____	pag. 8
SUJEITOS E PREDICADOS (Antônio Tibau) _____	pag. 9
MEU CARO AMIGO (Carina B.) _____	pag. 10
QUASE PERDEU O TREM (Toninho Lima) _____	pag. 12
#ProudToBeBrazilian (Janda Montenegro) _____	pag. 14
A TEORIA M E O BRASIL PARALELO (Eduardo Mello) _____	pag. 16
QUEM SOU EU? (Renata Ventura) _____	pag. 18
CLARIVIDÊNCIA (André Salviano) _____	pag. 21
O TEMPO E EU (Ludmila Maurer) _____	pag. 23
O LIDE PERFEITO (Augusto Assis) _____	pag. 24
TEMPO DE MUDANÇAS (Graciela Mayrink) _____	pag. 26
PLANO DE MORTE (Michele Mourão) _____	pag. 28
NUVENS DE CHUMBO (Lucas Odersvänk) _____	pag. 30
NÃO PARE DE ACREDITAR (Laplace Cavalcanti) _____	pag. 32
A NOVA SOFIA (Cristiane Broca) _____	pag. 34
GASES (Edmundo Dan) _____	pag. 37
ESTILHAÇOS PRETÉRITOS (Rodrigo Alves) _____	pag. 40
A CAIXA (Marcos Bassini) _____	pag. 42

NÃO É SÓ POR 20 CONTOS

Nenhum analista econômico poderia imaginar que vinte centavos renderiam tanto.

Em pouco mais de um mês essa quantia se multiplicou em centenas de manifestações de Norte a Sul, trazendo o debate político para a pauta de um Brasil que, segundo as ruas, andava anestesiado.

Durante este período, muito se escreveu sobre o que acontecia. Manifestantes criaram cartazes. Blogueiros digitaram opiniões. Perfis compartilharam indignação. A esquerda falou em golpe da direita. A direita culpou a esquerda. A imprensa chamou de crise de representação dos políticos. A população mostrou que esta crise também era da imprensa. A mídia alternativa alertou para a brutalidade da polícia. A polícia cuspiu pimenta. Os poetas, vinagre. Os ficcionistas aguardaram.

Este silêncio até fazia sentido diante de tantas vozes e, principalmente, da potência dos fatos. Mas já estava na hora desse pessoal que vive inventando história se manifestar. Foram desafiados e deram o troco: aí estão os vinte contos.

Marcos Bassini.

SORAIA

NOEMI JAFFE

Soraia tem 60 anos, mora só, usa grampos para prender o cabelo e tem cinco sapatos. Uma bota, uma sandália, um sapato fino, outro mais confortável para ir à feira e um mais casual, para ir ao cinema. Soraia tem três boas amigas. Uma é vizinha de prédio. Falam-se de três a quatro vezes por semana; pouco frequentam-se. As outras duas Soraia só encontra nos finais de semana, mas falam-se ao telefone. Ela não se casou nem teve filhos; as amigas, sim. Soraia não quer incomodar. Quando dorme, muitas vezes Soraia sonha que escorrega num carrinho de rolimã, como um menino. Ela dá risada, o carrinho desliza e, no final da ladeira, ela desce, encontra uma torneira, abre e fica olhando um fio de água bem fino escorrer. Dona Marta, a síndica, não sabe o que significa o sonho, mas diz que Soraia deve estar precisando se distrair, se divertir mais, quem sabe fazer alguma atividade física. Dizem que atividade física é ótima para quem tem pesadelos. Soraia não tem certeza se seu sonho é mesmo um pesadelo.

Soraia decide ir com o sapato casual, o de cinema. Acha que a ocasião o exige. Empacota três dúzias de empadas de palmito, que fez seguindo a receita aprendida com a mãe, anotada num caderno de receitas antigo; biscoitos de nata com pingos de chocolate; sabonete; cotonetes; desodorante; um agasalho fino e outro impermeável, para o caso de chuva; um pequeno travesseiro com uma fronha rendada; um lençol mais velho; dois livros; um bloco de anotações; três sacos plásticos vazios; duas mudas de roupa e um rolo de papel higiênico. Coloca tudo numa frasqueira ainda não usada, que ela comprou numa liquidação. Soraia rega as plantas, examina mais uma vez se as luzes estão todas apagadas e o botão do gás desligado e sai. Fica esperando o 23C com a frasqueira na mão, quando se lembra: é preciso passar numa papelaria, num supermercado, no shopping-center, onde venderiam aquilo? Depois de muito procurar, inutilmente, tem uma ideia. Numa loja de esportes.

Na fotografia do jornal, na primeira página, cerca de duzentos jovens acampam em frente à casa do governador do Rio de Janeiro, no Leblon. Empunham faixas, cartazes, gesticulam, gritam, riem. No canto superior esquerdo da imagem, se alguém se der ao trabalho de olhar com uma lupa, uma jovem está com a boca toda esfarelada, segurando um tupperware azul. Ao lado dela, séria, uma senhora sopra um apito.

Noemi Jaffe é escritora, professora e crítica literária. Autora de “O que os cegos estão sonhando?”, “A verdadeira história do alfabeto” e do blog “quando nada está acontecendo”.

RECADO ESCRITO COM BATOM AZUL-ALICE EM UM ESPELHO DOIS
POR DOIS NA CONSOLAÇÃO QUASE PARAÍSO PERTINHO DA LIBERDADE

FELIPE VALÉRIO

vocês, é, vocês, cegos de um olho só, recordistas de apneia, ruivos nascidos no dia vinte e nove de fevereiro, suicidas que sobrevivem ao pulo, papas que renunciam, mães solteiras, criadores de yorkshire, desenhistas de retrato-falado, homens de coração mole, entidades espíritas de esquerda, vocês, é, vocês, dubladores de filmes pornô, designers de sobancelhas, pais que se apaixonam por outros pais, doadores de plaquetas, motoristas de carros amarelo-manga, lutadores de kapu kuialua, síndicos de condomínios com mais de três torres, fisiculturistas com medo de escuro, endocrinologistas magros de ruim, palhaços que choram escondido, vocês, é, vocês, fugitivos de prisões de segurança máxima, tradutores de Lacan, poetas com letra feia, fabricantes de bigornas, sobreviventes de acidentes de avião, pessoas que falam eu te amo, sofredores de dromomania, apaixonados que respiram por aparelhos, escritores de palíndromos, praticantes de gato-mia, vocês, é, vocês, fotógrafos de dromedários, ascensoristas com menos de trinta, dançarinas com mais de sessenta, colecionadores de pinguins, depiladoras de virilha, juízes de pingue-pongue, sonâmbulos que sobem escadas, gêmeos batizados como grifinória e sonserina, modelos que comem dobradinha, otorrinolaringologistas cubanos, vocês, é, vocês, anões que pensam grande, seguidores de seitas online, vendedores de pluviômetros semiautomáticos, masturbadores de porcos, coveiros que fazem hora extra, índios que usam lente de contato, extraterrestres em missão de paz, adestradores de cães-guia, pessoas que falam menas, casais que terminam tudo por telefone, vocês, é, vocês, doadores de pálpebras, senhoras de aparelhos nos dentes, mães de santo sem filhos, tatuadores de nomes próprios, afinadores de teclado, camareiras de casas de swing, recém-saídos do coma, homens de luto, segundos colocados em competições de lambada, restauradores de esfinges, vocês, é, vocês, por amor, manifestem-se.

Felipe Valério é Hotel Trombose, Sem Casca, Filé em Tiras, Encosto Não Se Discute, Granja e Fórceps. Manifesta-se em: www.felipevalerio.com.br

SALVE, SALVE O MEU BRASIL
JOAO PAULO VEREZA

O moleque tem uns 7 anos, pra mais, pra menos, sei lá, não sou de contar de idade de criança. Safado, descabelado, caiu o dente da frente. Tá de pé em cima dum gelo mineiro, abrigo de algo elétrico ou cadeira alta que seja. O garoto parece não ter ninguém, um ícone, um órfão, por perto não se vê quem é pai ou mãe. Segura um cartaz de caneta verde fininha. Diz que é o futuro, ele a criança com cara de filhote. Ele grita e canta por cima das cabeças da passeata, sim, Paulista virando com Consolação. Sem vergonha, sem covardia, sem corar as bochechas. Um manequinho da mudança, a estátua que vai brotar na praça. Eu, que fui à manifestação sem saber muita razão, encontrei nesse moleque a seta da saída. Porque pode pegar todas as manchetes, os pronunciamentos, as opiniões que sim e não, as vedetes vomitando verdades, as borrachadas históricas, as derrapadas prosopopéicas, os adjetivos em excesso, a visão que muda enquanto se pisca. Neste país que os dias passam, o tanto de estudioso da bosta, arrasto isso para o lixo e lembro apenas do moleque. Quando o ouvi cantando, juntei ao canto dele. Segurei a mão da minha mulher, olhei para o amigo fundo e todos cantamos juntos. Salve, salve o meu Brasil. Nós e a irmandade desconhecida da passeata.

João Paulo Vereza, redator publicitário, é autor de Noveleletas, livro de contos vencedor do Prêmio SESC 2012/2013 e publicado pela Record.

Mariana está indignada. Daniel só vota em branco. Fabinho largou a faculdade.

Kelly é mãe de gêmeos. Batista acha que vai dar merda. Sueli torce para que dê. Robson já bateu nuns quatro. Andrade mandou esperar. Amélia não é mulher de verdade. Ivan odeia bichas. Fernanda é voluntária. Macedo atende de graça às terças. Ribeirinho sonega imposto. Sérgio sobrevoa Angra. Gabriel transmite ao vivo. Letícia é católica. Gutierrez vende artesanato. Agenor não para no ponto. Mariluce dorme no emprego.

Malu é contra a PEC. Maurício faz caixa dois. Hamilton está na larica. Juninho mija na rua. Consuelo sente saudades. José veste Guevara. João quer os militares de volta. André é anarquista. Cláudia e Marcelo acabaram de trepar. Pati vai esse ano pra da Disney. Richard é humilhado pelos home. Denise fica bem de farda. Torres votou no Collor. Anthony é ficha suja. Mairton não foi trabalhar. Cátia faz michê. Pedrosa segue doze passos. Ana está de chico. Francisco é argentino. Marcel não quer a Copa. Ineide faz cursinho. Marina ficou viúva. Josué está na dúvida. Lacerda tacou mais uma granada. Pedro nem aparece no plantão. Washington não sabe ler. Luciano faz propaganda. Hilda não fala presidenta. Victor usa máscara. Lucas é fã de Alan Moore. Galvão puxa os erres. William e Patrícia dizem boa noite. Silva nunca apareceu na tevê. Felipe critica a PM. Gilberto arrancou seu nome do uniforme. Mônica prepara mais um habeas corpus. Edson não fala coisa com coisa. Lúcia tomou um tiro de borracha. Marcel senta o dedo no gatilho. Miguel foi mal no Enem. Gigi escreve um blog. Anjinho destila o ódio. Silveira planta provas. Zeca quebrou a vitrine. Samira acredita no futuro. Luiz fecha a rua. Marisa fecha a cortina. Antônio não entende nada. Paulo acaba de nascer. Somos um país de anônimos. Ou será que só precisamos nos conhecer melhor?

Antônio Tibau escreve para viver. Segundo sua mãe, deveria ganhar mais. É redator, roteirista e traduz livros de terror pra DarkSide Books.

Meu caro amigo, me perdoe a demora, mas só agora pude atender seu pedido de contar, do meu jeito, o que está acontecendo por aqui. A essa altura você já viu que tem muita gente comemorando a liberdade das redes sociais, gritando e se regozijando porque o gigante acordou, bradando que o Brasil mudou, que essa manifestação é totalmente nova e que agora tudo vai ser diferente. Ok, nada de novo nisso. O que posso lhe falar que você ainda não sabe é que concordo com muito pouco desse discurso. Não acho que as redes sociais sejam assim tão livres - e sei que nesse ponto você vai concordar comigo, isso já é assunto antigo pra gente. Sobre o maravilhoso gigante desperto, acho que ele está cambaleante, e a queda pode ser muito feia. Tirando alguns aspectos proporcionados pela tecnologia, não acho que essa manifestação seja tão diferente de outras antigas aqui no Brasil e no mundo inteiro. E quanto ao fato da mudança já ter ocorrido e que é inevitável que tudo seja diferente, bem, eu gostaria de acreditar nisso. Gostaria mesmo, inclusive em muitos momentos eu invejo quem pensa assim, quem tem toda essa certeza, esse desconhecimento puro que vem tão cheio de esperança. Eu não tenho isso. O que tenho são saberes e dúvidas.

Largo a caneta e imagino você abrindo essa carta e rindo. Que ideia a minha, escrever uma carta, com papel e caneta, colocar num envelope, e mandar pelo correio, em pleno 2013. Mas quando tudo está confuso acho que um retorno a tempos antigos ajuda. Penso que talvez por isso eu agora volta e meia me encontro em 1920, 1939, 1964, 1968 e até um pouco em 44 a.C. E percebo que é exatamente esse retorno ao passado que me impede de ver a novidade que outros veem no momento atual. Minha mania de explicação, meu desespero em querer saber se tornaram desespero por saber.

E, junto desses saberes e dessas dúvidas, vêm a frustração e até um pouco de raiva. A cada vez que vejo alguém compartilhando a foto de um cartaz que traz nada mais que um slogan publicitário achando que aquilo é uma revolução, fico frustrada. Quando compartilham um texto por causa do título, mas são incapazes de falar sobre quando perguntados - porque não o leram - fico com raiva. Você já deve ter visto algum dos nossos amigos em comum reclamando, dizendo que sou chata, que sou do contra e que só penso em velharia. Outro dia um conhecido postou uma daquelas lindas imagens da Presidente Vargas lotada com uma legenda que dizia algo tipo “não há mais esquerda nem direita, os partidos não nos representam, e agora que o povo viu isso está realmente unido.” Aí comentei que crise representativa acontece desde o assassinato de Júlio César em 44 a.C., ato cometido em nome da República, mas que resultou na ascensão do primeiro imperador romano. Recomendei que assistissem “Z”, filme de 1968 em que Costa-Gavras mostra o período da ditadura militar na Grécia, e no qual brados de “não há esquerda nem direita” eram claramente ouvidos. Mas quem vai escutar se todos estão ocupados gritando?

Um cansaço súbito me faz parar. Se digo que ninguém escuta, por que ele, a milhares de quilômetros de distância, vai me escutar? Por sorte, ao terminar de pensar essa frase, eu me escuto. Uma criança mimada reclamando que o mundo não lhe dá o que é devido. Se tenho algo a dizer, se realmente quero ser escutada, e não estou sendo, o que eu posso fazer diferente?

Você vai escutar, era isso que eu pensava quando comecei a lhe escrever essa carta, a razão dela existir. O seu pedido de que eu lhe contasse o que está acontecendo me parecia uma garantia de ser ouvida. Mas agora acho que você talvez também não me escute, e que certamente não me escutaria se estivesse aqui agora, enquanto eu reclamo dos que apenas usam gritos de guerra sem pensar e, ao mesmo tempo, apelo em tom de lamúria que os outros pensem. Julgo os que não aceitam opiniões diferentes, mas será que eu as estou aceitando? Aí está algo que ainda não lhe disse sobre as manifestações, e que talvez seja sua característica mais importante: a pluralidade dos envolvidos. Gente de esquerda, de direita, jovens, velhos, alguns que sabem tudo de política e história, outros que não fazem ideia de nada. Todos participando, cada um do seu jeito. Quem disse que isso não é válido? Aliás, essa seria uma ótima pauta para manifestações: que possamos aprender a estar juntos sendo diferentes. O difícil é que esse tipo de coisa não dá pra reivindicar ao outro, cada um terá que fazer sua parte. Mas acho que essa sim seria uma mudança real. Entender que um país não precisa que seu povo seja um, com um ideal, uma meta, um grito. Se há liberdade, é óbvio que existirão diferenças, mal-entendidos, desentendimentos e discordâncias. Para fazer um país diferente, talvez baste que nós consigamos aceitar e respeitar as nossas diferenças. Pode ser uma luta antiga, um discurso velho, mas não ligo. Sou conhecida por gostar de velharias.

Carina B. é psicóloga e escreve para o site Confraria dos Trouxas.

Acordou mais tarde do que de costume naquela manhã fresca e quase perdeu o trem. Não fosse Natália gritar na cozinha, ele teria continuado o sonho que não lembrava direito, mas que tinha algo a ver com uma famosa cantora e uma festinha no camarim. Loucura. Já no caminho até a estação de Mesquita, ainda tentava lembrar o sonho, os cabelos louros da musa, os seios marcando a blusinha fina, os lábios vermelhos de batom. Natália lavando banheiro e fritando salsicha. Ele sonhando. Vai sonhando assim até a Central. Vai sonhando assim até acordar com o esporro do trem freando em seu destino final. Aí ele vai acordar. Zonzo, abobado, meio que zanzando entre as plataformas, até a porta que dá para a Praça Procópio Ferreira, na Avenida Presidente Vargas, onde vai pegar o seu ônibus para a Praia do Flamengo. Zelador do Museu da República, no Palácio do Catete, onde morreu um presidente. Um homem bom que, por causa de uns e outros, meteu uma bala nos miolos. Era tudo o que ele sabia de política. Que as pessoas podiam morrer por causa dela. Nunca quis saber mais. Nunca se interessou. Votava nos caras que iam lá em Mesquita falar. Pegava os santinhos e votava neles. Nunca nem procurou saber se eram eleitos. E se eram, o que estavam fazendo nos seus cargos novos. Era um homem reservado, calado, quase não trocava confidências. Nem mesmo com a Natália. Trepavam mudos. Mas ele gostava da mulher, desde sempre. Faria tudo por ela. E ela por ele. Desde que ela apareceu com o tal problema nos nervos e deixou de trabalhar, ele sustentava sozinho a casa. Finais de semana, fazia bicos de pedreiro, de carpinteiro, de pintor. Nunca discutia nem por causa do Vasco, quanto mais por causa de política. Não sabia, não entendia, não se interessava. Nem pelo Lula, quando foi candidato, quando se tornou o primeiro ex-operário presidente do Brasil. Ele sempre fazia uma careta quando alguém falava do governo, bem ou mal. Não se interessava. Quando era jovem, viu seu pai chegar tarde uma vez por causa de um comício que teve na Candelária. Diz que tinha pra mais de um milhão de pessoas. Teve até artistas famosos no palanque. Naquele tempo quem governava o Brasil eram os militares. Ele não sabia muito disso também não. Seu pai era que nem ele: calado, quieto. Um dia chegaram carregando ele, morto. Tinha caído do alto de um andaime, numa obra. Pedreiro. Biscates nos finais de semana. De pai para filho. Sobrou ele, uma irmã que se amigou com um sargento do Corpo de Bombeiros e a mãe, viúva. Cuidou dela até ela morrer, com ajuda da Natália. Agora eram só os dois, sem filhos. Parentes, de ter contato, nenhum. Ele saía, trabalhava, voltava, jantavam, viam um pouco de televisão, dormiam. Ele sonhava com a cantora de vestido de cetim. Ela será que também sonhava? Já foi bonita. Ele lembrava do dia em que se encontraram na feira, ela de shortinho curto, ele fazendo a xepa pra levar legumes para a sopa que a mãe fazia. Trocaram olhares. Ele ficou envergonhado, ela riu disso. Dois meses e estavam casados. Ela falava bastante, até. Com o tempo e com a falta de resposta foi calando, emudecendo. Até que ficaram assim, juntos, em silêncio. Nem se despedia dela quando saía para pegar o trem. Ela sabia que era o jeito dele. Ele sabia que ela sabia. Saltou do ônibus aquela noite como se fosse outra qualquer. Ia pegar o trem para Mesquita, como todos os dias. Mas aquela noite estava muito estranha. Aquela gente toda na rua, gritando, muita polícia. Ele tinha um medo instintivo de policiais, embora nunca tenha tido problemas com eles. Tinha um grande incômodo,

também, com multidões. Aquela gritaria toda, aqueles esbarrões, aquela garotada jogando pedras. Notou quando policiais de capacete e com escudos escuros vieram na direção da multidão. Uns jovens com cartazes e faixas pareciam mais exaltados. Gritavam para os policiais e atiravam coisas na direção deles, provocando. Ele não viu de onde veio o estampido. Ouviu. Depois ficou um silêncio. Depois doeu. Doeu muito. E escureceu. Ouviu alguém gritando que eram tiros de bala de borracha. O cheiro forte de gás não deixava ele respirar. A dor, a tontura, as pessoas que passavam por ele gritando. Pensou que ia ser difícil contar tantas coisas para Natália quando chegasse em casa. Normalmente chegava quieto e jantavam sem trocar uma palavra. Mas hoje alguma coisa muito diferente aconteceu. Mas o que aconteceu? Não estava bem, seu olho esquerdo ardia, queimava. Sua visão estava turva e esquisita. Não era só o gás, ele pensou. Era mais alguma coisa. Alguém perguntou a ele se estava bem. Ele sacudiu a cabeça que sim. A pessoa não acreditou e gritou: ele perdeu um olho! Um policial chegou perto e olhou o rosto dele com uma cara de quem viu algo muito ruim. Na ambulância contaram que ele tinha levado um tiro de bala de borracha. No hospital, já medicado, foi um residente de barbicha que lhe comunicou com cara de pêsames: “O senhor perdeu a vista esquerda.” Eu, caolho, ele pensou sem achar graça. Logo depois pensou em Natália. Ela ia gritar, se desesperar, como fazia quando eram mais novos. Quando eles ainda falavam, discutiam, iam juntos ao cinema e à feira. Chegou até a Central do Brasil graças ao jovem médico que fez questão de dar uma carona em seu carro. A multidão estava diferente agora. Mais tiros e nuvens de fumaça do que cartazes e euforia. O que estava acontecendo? Vai dar na tevê, pensou. No trem foi treinando o olhar. Estranhando ver de um jeito novo. Sentiu-se um pouco tonto, mas não fosse o ardor ainda forte, até que estava bem. Quando Natália abriu a porta e notou o tapa-olho, soltou um grito. Depois de tanto tempo, depois de muita coisa vivida e de um tiro no olho, pela primeira vez, ele sorriu.

Toninho Lima é carioca, supervisor de criação da Artplan, sempre esteve escrevendo: publicidade, contos, artigos. Também prepara um livro.

Enquanto esperava o programa conectar, Gi pensava nos comentários que seu pai fizera sobre sua última postagem. Fazia anos que os dois não se viam e, apesar da distância, o carinho que sentia por ele continuava o mesmo.

“Ring, Ring”. “Responder chamada”, dizia um aviso que saltara na tela do computador. Gi ativou o microfone e clicou no aviso. Imediatamente a imagem de um senhor grisalho apareceu na tela.

- Oi, pai! - ela falou, ouvindo a felicidade e a saudade em sua própria voz.

- Oi, filha! Como estão as coisas por aí?

Sem rodeios. Direto ao ponto.

- Pai, eu sei que você anda vendo umas coisas na TV por aí, mas não é o que parece.

Suspiro.

- Você quer dizer que as imagens de um bando de vândalos destruindo a Assembleia não é exatamente um bando de vândalos destruindo a cidade?

Novo suspiro.

- Não, pai. Não é isso. O que eu quero dizer é que o que você viu é apenas uma pequena parte, apenas o que a TV está querendo mostrar e não o movimento todo.

Se você estivesse aqui, sentiria que o clima nas ruas é de felicidade, as pessoas estão saindo dos escritórios para mostrar sua indignação, sim, mas também para mostrar que no Brasil o povo é diferente, nós somos um povo alegre mesmo quando não estamos satisfeitos.

- Certo. E essa alegria toda se expressa quebrando as lojas e botando fogo nas lixeiras?

Respira fundo.

- Pai, escuta: há mais de vinte anos você não vem ao Brasil, então, não sabe como estão as coisas por aqui. O custo de vida está altíssimo! As pessoas não conseguem ser atendidas nos hospitais e, enquanto isso, temos a “Cidade da Música”, que é o maior elefante branco! Você saiu daqui logo após o impeachment do Collor e não viu o quanto nosso país cresceu de lá pra cá. Só que junto com o crescimento veio também a corrupção ativa e descarada. Todo ano sofremos aumento nas passagens dos ônibus e aguentamos calados. Agora, não mais! Eu vou pra rua hoje para expressar minha cidadania, pai, e não como você disse no seu comentário na minha página, que nós não sabemos pelo quê estamos protestando. Essa é uma manifestação dos brasileiros por um país melhor, por um futuro melhor. Talvez a primeira manifestação na história mundial motivada pelo sentimento de cidadania, acima de tudo. E eu sou brasileira e vou para a rua hoje.

O pai não tinha palavras. De repente, era como se sua filhinha tivesse crescido e não fosse mais aquela menininha, mas sim uma mulher adulta, consciente de seus atos.

Tal como um dia ele fora, em 1964.

- Filha, eu...

- Não se preocupe, pai. Eu vou me cuidar. Eu preciso ir agora. Te amo, tá? A menininha de outrora virara um gigante.

- Eu também te amo, filha.

A conexão caiu e ele desligou o computador. Sentiu-se inquieto, então, pegou as chaves de casa e resolveu sair para dar uma volta.

Descendo pela Hollywood Bld, viu um grupo de cerca de 500 pessoas, todas vestidas de verde e amarelo, reunidas debaixo do monumento aos Beatles, cantando o hino nacional. Um rapaz carregava um cartaz que dizia "Proud to be Brazilian, anywhere in the world!"

Era isso. Esse era o sentimento que nos unia todos nós, brasileiros, naquele mês de junho, onde quer que houvesse um brasileiro. Porque nós temos vários problemas no nosso país, sim, e não escondemos isso. Mas, acima de tudo, temos orgulho do país em que nascemos e queremos e sabemos que ele pode ser melhor do que já é - porque nós também podemos ser melhores pessoas do que somos hoje.

Ele se aproximou do grupo e, vinte anos após a sua última vez, fechou os olhos e cantou junto:

Verás que um filho teu não foge à luta...

Janda Montenegro é autora de "Antes do 174", "O Incrível Mundo do Senhor da Chuva" e tem contos publicados em diversas coletâneas, como a "Geração Subzero".

A TEORIA M E O BRASIL PARALELO

EDUARDO MELLO

Segundo o brilhante físico Stephen Hawking, a melhor teoria para explicar por que o Universo existe seria a Teoria M ou Teoria do Tudo. Esta sugere que o universo seria composto de “cordas” que vibram em diferentes frequências e determinam as dimensões em que o universo se posiciona. De acordo com essa teoria, haveria não três, mas onze dimensões, o que comprovaria a existência de vários universos paralelos. Ok. Viajei longe pra cacete e provavelmente você, assim como eu, não entendeu patavinas do que foi dito acima. Mas a nossa perplexidade diante da Física Quântica é bem parecida com a de todo o Brasil diante das manifestações do mês de junho. E, infelizmente para nós, não havia um Stephen Hawking para formular uma genial teoria que explicasse, em uma elegante equação matemática, o que aconteceu nas ruas.

Logo após a primeira manifestação dos estudantes de São Paulo, a nossa imprensa, rápida como uma partícula de luz, disparou cheia de certeza lá do seu universo paralelo: “são vândalos, filhinhos de papai”! De início, olhando daqui do nosso universo dos mortais, alguns concordaram, outros não. Na verdade, ninguém deu muita atenção. Enquanto isso, os políticos concordaram com a imprensa lá do universo paralelo deles e mandaram a polícia baixar a porrada. Revoltada, a população comprou o barulho dos estudantes e foi em massa para as ruas. Foi aí que se abriu um gigantesco buraco negro entre os três universos. E o pouco que se sabe sobre os buracos negros é que sua força gravitacional é tão fantástica que nem a luz consegue escapar. Pois é. Ninguém escapou da fúria e da indignação popular. Partidos, imprensa falada, escrita, virtual, políticos, ideologias, governos, polícia, ônibus, formadores de opinião... foram todos sugados, sem nenhum pudor, para dentro do buraco negro. Atordoados, tentaram inventar alguma teoria que explicasse o fenômeno surpreendente. Mas assim como a Física Quântica, quanto mais eles tentavam entender, menos compreendiam. Porque não contavam com a existência de um outro fulminante fenômeno cósmico: a Internet e suas redes sociais.

As mídias sociais, repletas de cinegrafistas, repórteres e fotógrafos amadores, começaram a mostrar imagens das manifestações do nosso universo bem diferentes daquelas dos universos dos políticos e da imprensa tradicional. Os discursos dos 3 universos também eram completamente diferentes. Uma verdadeira Torre de Babel cósmica. Os reis dos universos dos políticos e da imprensa, criados há anos com a matéria escura da corrupção, indiferença, manipulação, medo, egoísmo, atraso, arrogância, ficaram perplexos e fundiram seus universos num único para tentar conter a força do nosso universo jovem e indignado, cheio de energia acumulada e pronto para criar novas estrelas e um país mais respirável. Um novo Big Bang para começar tudo de novo. E tudo que essa gente que vive no universo paralelo dos políticos/imprensa não quer é começar de novo. Aliás, a palavra “novo” provoca pavor no lado de lá. Por isso a reação impregnada de mentiras e medos. Não que nós, habitantes do universo de cá, saibamos a resposta de tudo que aconteceu em junho. Continuamos perplexos, como diante de uma equação quântica, mas parece que as leis que regem os universos paralelos há tempos foram abaladas para sempre. E um cartaz ficou suspenso no ar: “só a internet liberta”.

Eduardo Mello, publicitário, autor dos livros “Sorria, você está sendo filmado” e “Os Idiantes - Como os idiotas arrogantes dominaram o mundo”

QUEM SOU EU?

RENATA VENTURA

Quem sou eu? Uma máscara? Uma ideia? Um branquelo sorridente de bigodes e cavanhaque? Ou muito mais do que isso?

Eu havia nascido em uma linha de produção, sim, mas aquilo não me definia. Eu era apenas mais um entre tantos iguais a mim, é verdade, mas aquilo não me definia. Como qualquer bebê recém-nascido entre tantos outros na linha de montagem do mundo, naquele início eu era um ser sem personalidade aparente, sem propósito aparente, com as mesmas ruguinhas e a mesma cara de rato de todos os outros da maternidade, mas aquilo não me definia!

Ao contrário do que pensavam os enfermeiros, que me tratavam com total indiferença naquele berçário de plástico, eu era um indivíduo e tinha um mar de possibilidades pela frente. Dentro de mim, como dentro de qualquer bebê, pulsava o potencial para a grandeza! Então, por que me tratavam com tanto descaso? Saí da fábrica e fui posto à venda, mas minha situação não melhorou.

No começo, eu aceitava aquela indiferença sem questionar. Afinal, eu era só mais um dentre muitos iguais a mim. Que importância eu poderia ter? Eu era apenas uma máscara de um filme, que quase ninguém conhecia, esquecida na última prateleira de uma livraria pouco visitada. Seção de DVDs.

Patético. Tantas possibilidades literárias e eu ali, na seção de DVDs.

Eu era um nada. Um objeto escondido no lugar menos requisitado da livraria.

Quem entrava ali, entrava para comprar livros, não filmes. E eu lá no meio, não sendo nem livro, nem filme; nem nada. Apenas um brinde barato acoplado a um DVD. Que diferença eu poderia fazer no mundo? Que poder eu tinha para mudar minha desagradável situação? Nenhum!

Eu era apenas um combo! Um maldito combo de um filme desconhecido! Todos os dias, os clientes passavam por mim e me ignoravam. Consequentemente, eu e meus companheiros de estante, idênticos a mim, íamos sendo remanejados cada vez mais para o fundo da loja. Não éramos rentáveis e, pela lógica dos vendedores, o que não dá dinheiro, não é importante.

No entanto, eu tinha quase certeza de que eu era importante! Eu sentia isso no fundo do meu ser, mas ninguém me via! Ninguém ali sabia quem eu era! Não haviam visto o filme, não faziam ideia do que eu representava. Estavam cegos a mim como estavam cegos aos problemas que enfrentavam todos os dias naquela cidade; entorpecidos pela ignorância e pelo comodismo. Preferiam outras máscaras. Queriam ser Darth Vader, Ronaldinho, Jigsaw, Freddy Krueger, Tiririca... Achavam melhor se fantasiar de palhaço do que de mim.

O que mais se podia esperar do País do Carnaval? Para eles, eu era um Zé Ninguém que nunca aparecera na televisão, que nunca fizera um gol. Eu era muito menos procurado do que as perucas de Neymar vendidas na loja ao lado ou do que as bundas de plástico, que imitavam as das periguetes da TV.

Bundas e futebol. Aquilo sim dava dinheiro. Aquilo sim era popular. Mas será que popularidade era sinônimo de importância? Eu me recusava a acreditar naquilo, até porque acreditar naquilo significava negar o meu valor! E, se eu não me valorizasse, quem me valorizaria?!

Será que eu era mesmo só um acessório? Uma curiosidade? Apenas mais um brinde para que usassem depois do cineminha em casa? Ou eu era algo mais? A pepita de ouro perdida no fundo de uma caverna escura. Por que motivo eu havia nascido? Para ser um mero adereço no rosto de alguém ou para representar algo maior? Para mudar o mundo, quem sabe?

Seria muita pretensão minha? Acho que não. Todos temos a capacidade de mudar o mundo. Basta escolhermos fazê-lo! Basta nos tornarmos maiores do que os outros acham que somos! Vivemos sendo constantemente subestimados por todos a nossa volta e cabe a nós mudarmos essa situação. Algum dia eu ainda iria provar para eles que eu não era apenas uma máscara! Que eu era algo bem maior do que aquilo! Mas como alimentar tal esperança, se tudo o que eu sabia de fato era que eu estava ali, pegando poeira, há meses?! Eu e meus irmãos de linha de produção. Ignorados, abandonados, invisíveis.

Era assim que eu vivia: entre o sonho e a decepção. Até que uma coisa inesperada aconteceu. Primeiro, um jovem de cabelos compridos viera entusiasmado em minha direção e pegara meu vizinho, idêntico a mim. No mesmo dia, mais tarde, um professor de meia-idade fizera o mesmo. Pouco depois, um gordinho nerd comprara o terceiro e uma estudante levava o quarto... E cada vez mais pessoas iam comprando meus irmãos! Descartavam o filme, pegavam a máscara! E eu ali, extasiado, pasmo, sem entender o que estava acontecendo, vendo um a um meus companheiros partirem!

Tantos meses esquecido naquela prateleira e, de repente, tínhamos virado as celebridades da livraria! Não estávamos mais sendo comprados por causa do filme. Muito pelo contrário! O filme estava sendo comprado por nossa causa! O filme havia virado o brinde! O que poderia ter causado tamanha reviravolta?! Um carnaval fora de época?! Um Halloween antes da hora?!

O que toda aquela gente estava querendo conosco, afinal?! Com certeza não era um protesto... Decerto que não. Brasileiros não protestavam. Brasileiros resmungavam sobre seus problemas com os amigos e depois iam assistir futebol!

Foi então que alguém me pegou e eu quase explodi de tanta ansiedade. Era uma jovem. Não devia ter nem 18 anos de idade. Arrancou-me da prateleira e me levou para o caixa com uma pressa e uma voracidade que eu nunca havia visto antes, rasgando a embalagem numa urgência espetacular enquanto o vendedor contava o dinheiro. Vencido aquele obstáculo, jogou o DVD na bolsa da amiga e me tocou pela primeira vez, como se estivesse acariciando um objeto cobiçado de sua coleção particular.

Sem sequer esperar pelo término da transação, colocou-me no rosto, dando pulinhos de entusiasmo e pedindo para que a amiga tirasse uma foto nossa com seu celular. Depois, saíram as duas correndo pela porta da livraria, e eu ali, vendo tudo pelos olhos dela. Empolgado, extasiado, maravilhado! Eu tinha um propósito! Aquelas meninas tinham um propósito, uma direção! E o clima no ar não deixava dúvidas. Era clima de mudança, de revolução!

Eu não podia acreditar. Era verdade! Eu finalmente ia cumprir os desígnios para os quais eu fora criado! Eu não estava cabendo em mim de tanta emoção. De tanta alegria. Eu ia ser importante! Eu ia ser realmente importante! Eu ia mudar o mundo junto com aquela menina!

E quando as duas viraram a esquina e se misturaram àquele mundaréu de gente protestando, as lágrimas dela se tornaram as minhas lágrimas. E, através da boca dela, era eu quem estava berrendo! “Vem pra rua, vem!!! Ficar em casa não ajuda a ninguém!!! Hoje eu tô feliz!! Saí na rua pra mudar o meu país!!!!”

Eu nunca me sentira tão incrível. Tão realizado. E eu não era o único! Ao meu lado, dezenas de meus irmãos berravam o mesmo grito! E, no meio daquela multidão de rostos, de risos, de sonhos, nós nos olhávamos felizes, percebendo que éramos importantes ali. Cada um de nós era importante. EU era importante...

Mesmo eu sendo só mais um, dentre os anônimos.

Renata Ventura é jornalista, autora do livro de ficção fantástica A ARMA ESCARLATE.

alguma coisa está acontecendo, e você não sabe o que é
bob dylan

nos encontramos num café, meio da avenida paulista. o mesmo sorriso. um pouco antes de beijá-la, no rosto, e sentar para pedir meu capuccino duplo, ela seu espresso com chantilly, lembrei. nossos primeiros olhares. eu ainda não sabia bem qual era o meu papel na revolução. sem líderes, tantas causas a serem reivindicadas. uma agenda intensa. eu participava ativamente de pelo menos duas manifestações por semana, e assim foi durante os meses de junho e julho. não a conhecia. e já não militava em partido algum, depois de rodar por uns dois de esquerda, me afastei, decidi que não tinha mais como ser representado por essas instituições.

hoje sei que não era revolução, mas uma grande evolução na maneira de fazer democracia em nosso país. muitos dos senhores feudais daquela época, pelo menos os das metrópoles, não conseguiram se reeleger, ou mesmo fazer sucessores. na fatídica tarde em que nos conhecemos, estava cansado. noite em claro planejando cada passo da ação, eu fazia parte da, podemos chamar assim, diretoria que regeria o principal grupo, que puxaria todos os outros. prevíamos cada ataque, cada investida truculenta da pm, choque e até do bope. mapeamos a área, tínhamos pessoal treinado pra revidar, não estávamos ali apenas como cordeirinhos, manifestantes ordeiros e pacifistas. era guerra. todo mundo sabia. a polícia já atacava sem qualquer motivo, com carta branca do governador então. mas éramos muito organizados. engraçado recordar as tensões, a adrenalina entre uma bomba e outra, a correria. mais de um mês participando não só dos planejamentos, eu também atuava da linha de frente. coordenando advogados nas delegacias chaves, amigos médicos e enfermeiros, que ajudavam montando núcleos de primeiros socorros em locais próximos às passeatas. tínhamos um sonho, sermos ouvidos. e conseguimos. no final da tarde, enquanto caminhávamos pela rio branco sob forte cerco policial eu a vi batendo boca com um membro da tropa de choque, me aproximei, houve um pequeno tumulto, ajudei a retirá-la dali. tudo se acalmou naquele ponto, início, ninguém queria dar o primeiro tiro, participação massiva da imprensa. oficial, pelega, alternativa, vendida. todas lá. na hora do bate-boca uns quatro fotógrafos chegaram junto, gente filmando com seus smartphones. a polícia andava escaldada. complicado manipular informação na era youtube. clara, me disse seu nome ainda trêmula. dei-lhe um forte abraço, fica calma, tá tudo bem agora. sorriu. tinha se perdido dos amigos, sacou seu iphone e começou os contatos. o meu não parava. até hoje lembro de cada detalhe, cabelos vermelhos num rabo de cavalo, pele tão alva, lábios bem desenhados. calça jeans, camiseta com decote generoso. um pouco mais baixa que eu, que não sou lá tão alto. posso ficar com você até chegar na cinelândia, me perguntou ainda tecando no telefone. pode não ser tão seguro, respondi. sorriu de novo. provavelmente achou que eu estava brincando. por sms eu acabara de receber mensagem, cuidado. a polícia infiltrou baderneiros, vão começar a tumultuar assim que

chegarmos na cinelândia. nossa retaguarda está pronta. meu coração disparou, faltavam três qua-

dras pra atravessarmos o cruzamento mais bonito do rio de janeiro, que tinha o triângulo imaginário formado pelos prédios do museu nacional de belas artes, biblioteca nacional e teatro municipal. ela gritava palavras de ordem, entre cartazes, mascarados e os primeiros sprays de pimenta da noite que caía. pedi seu telefone, eu sabia que a gente ia se perder, tinha certeza. me deu o e-mail, disse pra me adicionar no facebook, que não dava o número de telefone a estranhos. recebi outro sms, fica ligado. cada vez mais nervoso. orientei algumas pessoas que estavam comigo pra ficarem de olho na clara. dei um jeito de sair sem me despedir. hora de ir pra linha de frente. o bicho pegou aquela noite. o saldo foi um olho roxo e algumas escoriações no braço direito, resultado do enfrentamento com policiais militares. dois dias depois, pelo messenger do facebook, clara primeiro perguntou se estava tudo bem, em seguida disse que me odiava.

depois dos beijos, um em cada bochecha, e do abraço apertado, segredou em meu ouvido esquerdo o tanto de saudade. quase dois anos sem nos vermos. ficamos amigos mesmo na noite do dia dezessete de julho, no leblon. duas semanas depois da passeata do centro. nos esbarramos em meio a um corre-corre, fugindo da polícia, a turma dispersa, alguns já quebrando as agências bancárias na ataulfo de paiva, e as sirenes das viaturas cada vez mais altas. entramos na antero de quental. um beijo, dois, três. a sensação de segurança, mesmo com sons de bombas e pedras sendo arremessadas. até hoje não conseguimos explicar bem. aconteceu. nossos cafés chegam com ela me contando a quantas anda a militância em são paulo. a gaúcha de ipanema continuava mais engajada que nunca. ong, partido, movimentos sociais. eu estava feliz de estar ali. vários sorrisos trocados. cumplicidade que foi estabelecida naquela noite inesquecível. um pouco mais de um mês juntos e ela precisou se mudar, a trabalho. distância que não ajudou. acabei reatando com uma antiga namorada. nossa amizade permaneceu. o brilho nos olhos enquanto me contava sobre a nova vida, os sonhos, as metas estabelecidas. clara sempre me fez bem. saímos de mãos dadas celebrando esse novo brasil. marcamos de nos encontrar na passeata que vai acontecer em sampa, daqui a três dias. mais uma luta pela melhoria nos transportes públicos. apenas uma entre tantas que precisam ser travadas. só que não me canso de lutar. clara também não.

andré salviano / @paraquenomes é admirador da alma feminina (e do corpo idem). Gosta de suco de melancia e do pôr do sol no Arpoador. Mora em Laranjeiras, mas vive na Lapa.

Afastado de mim o cálice, eu sou legítima. Trago flores brancas e me encontro com vocês; não somos mais virtuais e nem a truculência nos impede. Nossa cultura da paz colocará na defensiva a parte não preparada? Eu sou do início do século, sou de borda, mas estou transbordada.

Afastada de mim a condição de expectadora, a transformação acontece contra o monopólio e passo a protagonista e autoral. Estou tão clara, demando clareza também. A lógica do comando não é mais propriedade de um só.

Chegado a mim o compromisso, estou aberta, sou multicêntrica e de diálogo intergeracional. Desejo a ética do serviço. Não a dicotomia oposição X situação, que já se perdeu até. Sou fruto de crises, sou agora integração e por isso a força para o enfrentamento é minha.

Deixado a você está meu legado maior: a memória. Todo bom pensamento depende dela, não é possível pensar sem lembrar. E essa herança cultural permitirá a você me democratizar porque agora dependo apenas de pessoas capazes de pensar por si próprias.

Estou aberta. O frescor da minha língua e a força das minhas metáforas obrigam a violência a deixar todas as suas opiniões de lado e a se render à força de meu novo texto. É assim que devo ser lida, eu, sua nova pátria.

Ghost-writer, Ludmila Maurer é pós-graduada em Línguas e Letras. Para conhecer seus livros e trabalho: www.nofiodapalavra.com.br

Já era bem tarde quando eu saí para a rua. Ali estava eu, no meio daquela multidão que bradava com cartazes erguidos. Olhei para os lados numa tentativa vã de encontrar algum rosto conhecido. Não havia ninguém: apenas rostos cobertos, ou então jamais vistos. Eu precisava registrar tudo aquilo. Como jornalista recém-empregado, senti que aquele surto de cidadania na população geral era um sinal, um presente divino. Sentia-me ao mesmo tempo eufórico, assustado, estava confuso. Tanto como jornalista, quanto como escritor. “O gigante acordou”, ouvi a multidão gritar. Aquele, sim, era um lide perfeito para começar a matéria. “O gigante acordou”, anotei mentalmente.

Uma garota logo atrás de mim, com aparência meio punk, soprava um apito que fazia meus tímpanos doerem. Procurei me afastar dela. Era quase como a estação de trem no horário de pico, mas ali eu não via rostos cabisbaixos e exaustos. Conforme fui me afastando do centro do tumulto, pude observar melhor os que vinham atrás de mim. Dentro daquelas pessoas alguma fera temível e respeitável havia tido conta, algo quase divinal emanava daqueles jovens. Bati uma foto de um grupo que se aproximava fazendo muito barulho, todos com os olhos brilhantes de alguém que se entrega a situação. Eu vi o anseio daqueles jovens, que, depois de tantos anos encarcerados por amarras invisíveis, avançavam como uma tropa contra aqueles que usurparam seu direito de voz. Eu vi a esperança, eu vi o sofrimento daquele povo que gritava porque não aguentava mais a sola de um sapato social caro forçando sobre suas costas que vestiam uma camisa barata. Eu vi a história. E, me afastando mais ainda, eu vi o que eu não queria.

Eles estavam de rostos cobertos também. As toucas do moletom surrado cobriam seus olhos, com auxílio do boné, que usavam mesmo àquela hora da noite. O grupo chutava a porta de uma loja de eletrodomésticos. Uma. Duas. Três vezes. Vi a porta amassar e, num impulso jornalístico que eu não pude controlar, eu registrei com uma fotografia. Um deles virou em minha direção, o maldito flash havia me denunciado. Senti-me como uma presa que desafiava os olhos do predador. O homem desistiu do que fazia, e veio em minha direção. Sem saber o que fazer, saí correndo. Talvez ele quisesse apagar meus registros. Se levar minha máquina, estou ferrado. Tudo o que eu havia trabalhado na última semana estava salvo apenas ali. Talvez o homem nem estivesse atrás de mim, pensei, mas quando olhei para trás ele ainda estava vindo em minha direção. Talvez, só estivesse impedindo que eu atrapalhasse o roubo...

Notei, quando o olhei de relance, que ele tinha os olhos de um conhecido.

Junior, o nome me veio à mente. Não podia ser ele, pensei, enquanto continuava me afastando para o outro lado da avenida. Junior era sobrinho do dono da companhia de ônibus. Tinha tido a infeliz oportunidade de conhecê-lo quando fui mandado cobrir sua festa de aniversário, há não muito tempo. O que diabos estaria fazendo justamente ali? E roubando? Algo estava errado.

Uma mão me agarrou, era ele. Desesperado, me desvencilhei de imediato e corri, tropeçando em dezenas de pés que estavam no caminho. Apesar de todo o tumulto, eu conseguia ouvir os passos apressados do homem que me seguia. Outro barulho juntou-se aos dele: eram sirenes. Ouvi carros frearem bem perto dali, a cavalaria também deveria estar por perto, eu conseguia ouvir o trote das montarias. Continuei correndo, a fim de fugir do bandido, ou quem quer que fosse. Já não sabia se ele ainda estava me seguindo, mas precisava garantir distancia. Por um momento imbecil pensei em virar e encarar o sujeito, como se com meu físico magricelo me favorecesse. Houve uma explosão. O povo ainda gritava, mas agora, era assustado. Logo voltaram a bradar, com mais força, as canções que entoavam. “Sem bandeira!” Alguém gritou perto de mim, e vi uma bandeira partidária ser jogada ao chão. A fumaça se erguia logo em frente, espessa. Ouvi gritos femininos. A essa hora, eu já não fazia ideia de onde estava. Houve outra explosão. Dessa vez, muito perto de mim. O boom foi aterrador. O povo se protegeu de algo que despencava de um prédio. Tive a leve impressão de ter sido uma cadeira. Vi policiais avançando armados. Entrei em pânico, corri na direção contrária. Pegaram a câmera da minha mão. Eu o vi, os olhos claros raivosos eram de Junior, o menino mimado. Eu estava prestes a berrar com ele, queria minha câmera de volta, mas o ar me faltou. Senti minha barriga doer, algo tinha me atingido. Não vi se era uma pedra, que atiravam contra a polícia, ou o qualquer outra coisa. Pensei que iria morrer asfixiado. Respirei fundo, mas o ar recusava-se a entrar. Foram alguns segundos até eu recuperar o fôlego, e tomar consciência da confusão novamente. A câmera se escangalhou sob os pés de Juninho, que a massacrou como a uma barata. Aquilo pareceu doer mais que o golpe que tinha levado. Merda! A dor foi substituída por raiva, eu levantei, disposto a acabar com aquele imbecil, esquecendo-me completamente da vantagem que ele teria numa luta. Inflamado pela raiva, lancei meu punho fechado contra aquela cara nojenta, e ele recuou. Virou-se novamente, na minha direção. Tudo estava acontecendo. As sirenes apitavam, as bombas explodiam, o povo gritava, os cavalos trotavam, os helicópteros nos cercavam lá de cima.

“Você me viu. Você não vai ferrar meu pai” vi Junior dizer.

Daquela vez a dor foi muito mais intensa, quase no mesmo local do corpo, fechei os olhos com força. Mal tive tempo de ver a arma na mão dele. A polícia pareceu nem notar o que tinha acontecido comigo, contendo os manifestantes que avançavam sem vacilar, gritando. Minha mente era um compilado de imagens difusas. Minha família, meus amigos, pessoas há muito conhecidas misturavam-se estranhamente com a confusão, com os gritos sobre gigantes, com bandidos arrombando lojas, com sirenes de polícia. Em poucos instantes, o gigante tinha perdido um par de suas inúmeras pernas.

Augusto Assis é paulista, leitor assíduo, blogueiro e integrante dos Ases da Literatura, onde publicou a antologia *O Último Dia Antes Do Fim Do Mundo*.

- Querido, a Letícia disse que vai à manifestação de hoje que vai acontecer no Centro.
- De modo algum! Ela está doida?
- Qual o problema? Se me lembro bem, há mais de vinte anos você foi às ruas com a cara pintada, vestido de preto e pedindo “Impeachment já!”.
- É diferente. Eram outros tempos, eu era jovem.
- Ela também é.
- Eu sou homem.
- Que besteira mais machista. Havia mulheres nas passeatas, eu mesma fui em várias.
- Vou falar com essa menina agora.
- Letícia, que história é essa de manifestação? Você não vê o que está acontecendo? E não venha me falar que não é só pelos vinte centavos ou que é pelo fim da corrupção porque isto é algo muito vago.
- E não é, pai. Vai muito além disso.
- Convença-me.
- Eu quero mudar meu país, mas sei que sozinha é difícil. Mas quero sentir que fiz parte de tudo isso, que sou responsável de alguma forma por termos um Brasil melhor. Quero ser mais um grão de areia que vai fazer com que os políticos caiam em si e vejam que nosso país é lindo, grande e tem potencial para ser o maior de todos. Eles já possuem um salário alto e muitos benefícios, precisam entender que o povo merece respeito e que foi quem os colocou no poder com a esperança de ter uma vida melhor. Uma vida melhor para a população, não para os políticos. Eu vejo as reportagens na TV sobre a pobreza, nosso sistema de saúde pública, falta de saneamento, tudo, e não consigo entender como os políticos podem conviver com isso achando natural. Como eles não se sensibilizam com o sofrimento do povo? Estou indo para as ruas não por ir, por causa da bagunça, mas porque quero que os governantes também acordem e vejam que é possível fazer deste país um lugar maravilhoso de se viver. Ainda falta muito, mas aos poucos a gente consegue. Precisamos conseguir, o Brasil merece mudar. Pai? Pai, aonde você vai?

— Vou pegar minha bandeira do Brasil e colocar uma camisa branca. Também quero mudar meu país.

Graciela Mayrink é autora do livro Até Eu Te Encontrar.

Mês histórico para o Brasil. Junho, mudamos a visão do mundo sobre os brasileiros.

O povo nas ruas, de um lado os policiais, do outro, os manifestantes. Uma multidão lotando ruas e avenidas. Cena linda, inesquecível, as emissoras exibiam a avenida Rio Branco no centro do Rio de Janeiro, um mar de gente. Orgulho de nascer nesta terra. Jovens, estudantes, trabalhadores, juntos, representados por mais de um milhão de pessoas, cidadãos com seus cartazes, caras pintadas, pais com seus filhos.

E lá estava... escondida, mal intencionada, usando boné e calça jeans suja, encardida. Cabelo desgrenhado.

Dilma disfarçada.

Desmontada da maquiagem, nitidamente a cena se repetia, vestida com roupas semelhantes aos dos presidiários. Presa. Sentada com mãos pra frente na década de 70 esperando julgamento, sem algemas, mas dava para vê-las ali, com os braços unidos descansando sobre o colo.

Estava sem a armadura de presidente.

Ali na rua, vagando entre uma nação revoltada, o Brasil unido gritava por justiça, a presidente, camuflada permanecia, virando o rosto, óculos escuros, mais parecia uma chefe de gangue, misturada, agora, a parte dos manifestantes.

Com os contatos descobriu onde Lula iria comer naquele dia.

Era dia de sol em Brasília. Últimos dias antes do inverno começar.

As manchetes dos jornais estamparam naquele dia: "Onde a presidente foi parar?", "Dilma foge do País", "S.O.S Brasil, a presidente sumiu".

Planejando, arquitetando, Dilma meticulosamente, elaborou como e quando. No almoço do dia 16 de junho, poucas horas depois o plantão na tevê anunciaria:

"Morre o ex-presidente Lula. Ele foi envenenado quando almoçava em tradicional restaurante da capital".

O que ela pretendia era matar o culpado pelo estrago do Brasil, o caos, a roubalheira, corrupção,

degradação. Todos os problemas se agravaram nos últimos oito anos, Dilma só tinha essa chance, de se salvar e matar seu aliado. A imagem corrosiva do PT estava atrelada a ela. Paulatinamente, a presidente disfarçada incumbiu um companheiro de colocar na cozinha do restaurante o veneno, no prato que seria servido, quente, segundos antes.

O País pegando fogo.

Celulares tocando.

Assessores enlouquecidos e Dilma sumiu.

Eram exatamente 15:26 quando o âncora anunciou a morte de Lula. A nação parou de vez, segundos, minutos, um século de tempo indeterminado.

Pessoas próximas narraram que antes do último suspiro, ele estrebuchou, tremendo, vomitando a refeição e a cerveja no chão. A barba grisalha estava suja no registro final.

A escuridão tomou conta de todo o resto, não havia espaço, início meio ou fim, o silêncio ensurdecedor... foi quando Iann, deitado no chão de cimento queimado da delegacia, despertou sendo chutado. O sapato era de um policial, então lembrou-se de tudo, estava na manifestação no dia anterior, nem almoçou, bebeu muito e se meteu em Confusão. No meio da manifestação, foi preso e estava ali sendo acordado, gentilmente.

- Iann Barros, levanta, seu pai está presente. Pode sair - a cada duas palavras um chute na canela. Os outros ficaram dormindo, à espera de liberação. Com as luzes acesas, olhares se cruzaram, invejosos, desejando a cama macia do lar.

Que sonho, pensou. E se fosse verdade...?

Michele Mourão é jornalista e publicitária, moradora de Montes Claros, MG. Escreve para dar vozes às pessoas que moram dentro de si e que falam sem parar em sua cabeça.

NUVENS DE CHUMBO

LUCAS ODERSVÄNK

EU GOSTO DO INVERNO.

Todos os anos, espero ansiosamente por aquele momento invisível em que o outono empalidece em beijos gelados trazidos pelo vento. Essa magia acontece em junho, o meu mês preferido. No hemisfério norte, é em junho que o calor do verão invade o ar, seca a memória da primavera e aquece as pedras das cidades. Mas em meu pequeno universo no sul do Mundo, é o mês da melancolia cinza, das chuvas de prata gelada que escorrem pelos meus cabelos.

É também o mês do meu aniversário.

Meu nome é Cecília Ferro, moro na cidade de São Paulo e estou longe de ser dura e invulnerável, como o meu sobrenome. Completei meus dezoito anos hoje, dia 13 de junho, e esta não é, de longe, a festa dos meus sonhos de infância. Mas, imersa neste mar de pessoas, um exército de milhares de guerreiros que saíram às ruas, não me restam dúvidas que o meu lugar é aqui.

Nasci na pequena cidade de Ribeira, interior do estado, no seio de uma família simples, como tantas outras por esse Brasil afora. Minha mãe é professora e o meu pai, funcionário público. Mas os seus olhos voavam para longe, para além dos estreitos horizontes da nossa casa. Com força hercúlea, enviaram o meu irmão, anos antes, para a grande megalópole, São Paulo. Carlos sonhava em ser jornalista e meus pais apenas sopraram as suas asas em direção ao seu destino. O nosso avô, pai do meu pai, morava na capital, e acolheu-o com alegria, pois seria uma forma de afastar a solidão do inverno da vida e o vazio deixado pela morte da vovó.

Comigo, o filme repetiu-se. Depois de meses de angústia, passei no vestibular da USP, para o curso de arquitetura. Deixei o colo dos meus pais e vim para a selva de pedra, morar com o Carlos e o vovô.

Aquele grito de “basta!” explodiu em surdina pelos corredores da faculdade dias antes, quando foi anunciado o aumento das passagens de ônibus. Mas aquilo apenas foi o estopim, a faísca que deflagrou o incêndio e a revolta. O coração de cada um de nós era um barril de pólvora, sedimentado em pequenas violências diárias que se impunham sobre as nossas vidas e que, aos poucos, roubavam os nossos sonhos.

Em minha mente, apenas vinha a imagem do vovô naquela emergência de um hospital estadual, esperando horas para ser atendido, pois não havia médicos suficientes de plantão. Ele tentava disfarçar a dor no peito, para não me assustar, mas o tremor de sua mão gelada não conseguia mentir. E eu pude fazer tão pouco...

Lembrei-me também do pavor que senti durante aquele assalto ao ônibus que eu pegava todos os dias para ir à faculdade. Eu nunca vira antes uma arma. Aquele bandido levou muito mais do que alguns trocados e meu celular. A minha paz fora arrancada de mim e levada naquela bolsa, roubada de outra passageira.

A imagem de minha mãe levando marmitas de casa para completar o lanche dos alunos passou em frente aos meus olhos lacrimejantes. A escola não tinha recursos e ela fazia o que podia.

Aquela luta não era pelos vinte centavos. Era por tudo. Por todos.

Ouvi as primeiras explosões. Nuvens de chumbo se elevavam contra nós. O seu cheiro indecristível invadia o fino lenço que cobria o meu rosto. Meus olhos ardiam. A tropa de choque batia em seus escudos impenetráveis, enquanto nós rufávamos os nossos tambores de liberdade. Mas o medo me invadia como aranhas com patas de gelo.

Eu tinha medo da violência.

Carlos ligara-me há poucos minutos, rugindo para que eu fosse embora, que voltasse para casa, pois uma de suas colegas do jornal, que estava lá, cobrindo as manifestações, havia sido atingida por uma bala de borracha no olho. Aquilo me estremeceu a coragem, mas eu sabia que era ali que eu deveria estar. Lembrei-me, então, daquela música de Muse, que gritava em seu refrão que 'eles deixarão de nos controlar, e nós seremos vitoriosos'. Precisávamos levantar-nos dos nossos medos e lutar pelos nossos sonhos roubados.

Comecei a ouvir uma saraivada de explosões e estampidos nas linhas de frente que marchavam contra o choque. Um mar de vozes rugia contra a violência. O confronto inevitável havia estourado. E em breve chegaria até nós.

Mariana, que estava do meu lado, segurou o meu braço com força, como se apertasse o seu próprio pavor. Uma tempestade de nuvens ácidas engoliu a multidão, que estava sendo esmagada pela fúria dos soldados vestidos de negro. Um projétil zuniu perto dos meus ouvidos. Ela e Inácio tentaram puxar-me pelo braço. Mas os meus pés ganharam raízes sobre o asfalto. O cartaz em cartolina amarela tremia em minhas mãos.

Fechei os olhos e esperei o embate.

Lucas Odersvänk é arquiteto, emprestou sua alma às letras. É autor de *O Fim do Mundo de Ava*, publicado na primeira antologia do selo Ases da Literatura.

NÃO PARE DE ACREDITAR

LAPLACE CAVALCANTI

O caos se instaurou. Assim como em outras manifestações, os arruaceiros iniciaram os confrontos com a polícia, desvirtuando o real propósito do movimento, o da luta por um país melhor. Era um verdadeiro pandemônio, pessoas se empurrando, esmurrando umas as outras e gritando.

Em meio àquela tempestade humana, Felipe tentava se situar. Uma borrifada de spray de pimenta elevou-se por cima de todos e ele logo sentiu seus olhos arderem. Em meio à turbulência, afastou-se do tumulto. Ainda não acreditava que tudo estivesse se repetindo. Como poderiam esperar conseguir alguma coisa daquela maneira?

As passeatas deveriam ser pacíficas para demonstrarem que o povo lutava por uma boa causa e que seu grande objetivo era tornar o país um lugar melhor. Mas algumas pessoas não entendiam isso, achavam que as mudanças só ocorriam através da força, ou então estavam ali apenas para tumultuarem.

— Felipe! Felipe! — a voz de Carolina em meio ao temporal lhe trouxe de volta à realidade. — Temos que ir mais longe, a situação só irá piorar como das outras vezes.

— Não podemos partir, precisamos mostrar que eles não nos representam e que temos boas intenções — argumentou ele.

— Eu sei, mas o que podemos fazer? Não ajudaremos em nada se estivermos mortos. Vamos!

Tendo sido convencido, Felipe, Carolina e as outras pessoas que estavam com eles afastaram-se do tumulto.

— Estão atacando a Prefeitura novamente! — gritou um dos manifestantes.

Felipe parou e conseguiu identificar em meio àquele mar de pessoas um grupo de vândalos xingando os policiais do outro lado dos portões da Prefeitura, ameaçando derrubá-los e invadirem para quebrar tudo.

— Não permitirei isso novamente — avisou Felipe, correndo.

Carolina tentou intervir, mas era tarde, ele seguira direto para o olho do furacão. De braços abertos, em sinal de paz, Felipe posicionou-se entre os baderneiros e os portões, para impedi-los de mancharem ainda mais a imagem do movimento.

— Sai daí!

— A gente tem é que derrubar tudo!

— Você não pode fazer nada!

Gritaram eles, mas Felipe permaneceu firme. Do outro lado dos portões, os policiais também observavam. Não queriam que o rapaz se machucasse, mas se abrissem a passagem não haveria mais volta.

— Isso tem de parar! — esbravejou Felipe, para ser ouvido em meio ao grande ruído. — Não é para isso que nós estamos aqui!

Alguns arruaceiros avançaram com pedaços de pau para derrubar o portão e Felipe se colocou diante deles, fazendo-os recuar. Carolina surgiu ao fundo e gritava, preocupada, para ele sair dali. Até os policiais tentaram dissuadi-lo a permanecer onde estava. Em vão.

Os meliantes voltaram a avançar contra os portões. Felipe tentou detê-los, mas foi interceptado

por um dos vândalos, que o agarrou para tentar afastá-lo dali. Mas Felipe foi mais forte e conseguiu se desvencilhar de seus braços e retornar para sua posição. Nesse momento, uma pedra voou do meio da multidão naquela direção.

O impacto fez Felipe erguer seus olhos para o céu e sua visão logo ficou turva.

Suas pernas bambearam e ele tombou de costas no chão. Ainda ouvia o tumulto, mas sentia como se estivesse cada vez mais distante. Braços logo o agarraram, ele os reconheceu pela voz que os acompanhavam. Era Carolina.

— Felipe! Felipe! Precisamos de um médico! — ela gritava, suas mãos seguravam a cabeça ensanguentada do amigo.

Felipe ouviu os portões serem abertos e seus olhos percorreram o local. Ele viu os vultos dos policiais se apressarem em afastar os baderneiros, que não hesitaram em desaparecer após o incidente. Ele também ouvia Carolina, que não parava de lhe prometer que tudo ficaria bem. Sua visão ficava cada vez mais turva, não permitindo que ele a enxergasse, mas por sua voz sabia que ela estava chorando.

Ele tentou dizer alguma coisa, mas seus lábios balbuciarão palavras que não saíram. Ele sentiu um líquido pastoso escorrer por sua cabeça e seus olhos se fecharam, voltando a abrir-se lentamente. O som da tempestade humana parecia cada vez mais distante. Estaria ela se dissipando e o movimento retomando sua identidade? — pensou ele. Acreditava que não, sentia suas forças se esvaindo, parecia que ele não enfrentaria aquela luta até o fim para ver o Brasil transformado.

Porém Felipe não deixaria de acreditar que o país estava caminhando para um futuro melhor. Precisava segurar-se àquilo para não considerar que suas atitudes até então foram em vão. E então o silêncio reinou ao seu redor e seus olhos se cerraram pela última vez.

De João Pessoa - PB, Laplace Cavalcanti é um dos contistas da antologia AMORES IMPOSSÍVEIS, lançada em junho de 2013.

Era a semana mais importante da vida de Sofia, uma jovem de 22 anos que acabara de receber um fígado novo, transplantado no último domingo.

No delicado período pós-operatório em que se encontrava, ela rezava para que seu corpo não rejeitasse o novo órgão, até então pertencente a outro ser humano.

Tudo o que sabia era que ele havia sido doado pela família de um jovem de 19 anos que levava um tiro de bala perdida e sofrera morte cerebral.

Era estranho, e até surreal, para ela, continuar vivendo com parte de outro alguém, também era estranho saber que a morte não mais a espreitava.

Nos últimos tempos havia pensado muito sobre sua vida e feito as pazes consigo mesma por tudo o que deixara de fazer, antes mesmo da doença. Até chegara a se despedir mentalmente de todos que amava. Sua família nunca permitira que entregasse os pontos e, por mais complicada que fosse a sua situação, eles jamais esperaram o pior.

Uma vida nova e sem limitações se abria agora à sua frente e Sofia não tinha a menor ideia do que fazer com ela.

Nunca, em toda a sua existência, fora uma pessoa engajada. Nunca havia feito nada grandioso, extraordinário, ou mesmo nada do que pudesse se orgulhar de verdade. Dentro de si sentia vontade de gritar, lutar por algo, mas não sabia exatamente o quê.

Tudo parecia tão errado, a violência gratuita, a falta de comida para grande parte da população, a maldade humana e a apatia de muitos que, assim como ela, assistiam a tudo calados. Era jovem, tinha um longo tempo pela frente e não sabia se a sua vida valia a do rapaz que havia morrido. Pensava muito nele, no tipo de pessoa que ele deveria ter sido e de alguma forma sentia como se eles estivessem ligados. E por tudo isso, sentia-se cobrada a fazer alguma coisa, sem saber exatamente o quê.

Foi quando ligou a TV e começou a acompanhar as manifestações do final de junho. De repente, a grande massa estava nas ruas, manifestando sua indignação e lutando por seus direitos. Ela nunca tinha visto nada assim, e ali, enquanto acompanhava o que estava acontecendo da cama daquele hospital, sentiu algo diferente. Decidiu no mesmo instante que se tornaria uma pessoa melhor, mais engajada e que lutaria por tudo em que acreditasse. Viveria mais e reclamaria menos.

Aproveitaria toda a sua vida e ajudaria os outros. Havia encontrado um ideal que, apesar de clichê, fazia todo o sentido.

Mal podia esperar para sair daquela cama. Aquela nova Sofia gritava para se libertar de toda a apatia e a acomodação que a tinham aprisionado por muitos anos.

Alguns dias se passaram. Sofia se recuperava rápido e se sentia cada vez melhor.

Certa vez ela recebeu uma visita inusitada. Flávio Dias, irmão de Fábio, seu doador, havia ido até lá para conhecê-la.

No início, eles apenas se olharam. Ele era um rapaz bonito, no auge de seus 23 anos, cabelos castanhos encaracolados e olhos esverdeados. O constrangimento mútuo durou a visita toda, mas ela gostou de saber mais sobre Fábio, que, segundo o irmão mais velho, era teimoso e determinado. Ele lhe contou histórias da infância deles, como a de quando o outro tomara suas dores e partira para cima de um menino maior que ele, levando um soco que o desequilibrou. Segundo ele, os dois chegaram machucados em casa e levaram uma baita bronca.

— Meu irmão não tinha medo de nada, ele era muito determinado — disse ele, e aquilo a encantou. Mais tarde, quando se viu sozinha, refletiu. Não sabia se eram as manifestações, que pareciam ter contagiado todos, o fígado do determinado Fábio ou a dor nos olhos verdes de Flávio, mas algo dentro da sua alma mudou naquele dia de maneira irreversível.

Flávio voltou outras vezes. A princípio, ele não sabia bem o que dizer ou mesmo o sentido daquelas visitas, já que nada traria seu irmão de volta. Mas, ao passo que começou a conhecer Sofia, cada vez se apegava mais a ela. Ele não havia conhecido a antiga Sofia, mas achava essa nova jovem muito parecida com Fábio.

Daquela situação difícil nasceu uma bela amizade. E, no dia em que Sofia recebeu alta do hospital, Flávio lhe presenteou com um lindo buquê de rosas.

A nova Sofia agora tinha um sonho. E quando soube de uma nova manifestação, fez questão de ir.

Sua família tentou desencorajá-la, mas ela bateu pé e pediu a Flávio que a levasse. Ele assentiu no mesmo instante.

De mãos dadas, o jovem casal de amigos caminhou exigindo por melhoras com o cartaz que dizia: “Fábio, você não morreu em vão”. E, logo mais abaixo: “Chega de violência.”

— Eu não ganhei só um fígado — disse ela —, ganhei uma nova personalidade e o desejo de mudar o que está errado.

— E eu ganhei uma nova amiga! Apesar de ter perdido o meu irmão de uma forma tão idiota, fico feliz que ele tenha lhe salvado.

— Ele fez muito mais do que me salvar — ela completou e, naquele clima de amor ao país, à vida e às pessoas, os novos amigos se beijaram.

Aquela era somente a primeira das muitas manifestações que eles participariam juntos.

Cristiane Broca é autora do romance Cinco Anos e do conto Amor Antes do Fim. Participa do grupo Ases da Literatura e atualmente reside em Guaratinguetá, SP.

Quando abri aquela porta descascada, pude assistir a uma das mais bizarras cenas de sexo de todos os tempos. Um indivíduo muito feio e disforme estava nu, de quatro, numa cama de casal. Logo atrás dele uma mulher com cara de puta-magricela-que-veio-do-interior-e-tem-que-sustentar-um-filho-pequeno tentava encaixar, de joelhos e pelada, o buraco de sua boceta no do cu do cara.

A movimentação de busca pelo encaixe perfeito cessou. Acreditei ter assumido o papel de testemunha ocular de um genuíno acoplamento anal-vaginal. Mas o pior estava por vir.

Como se estivesse penetrando a bunda do feioso, a vaca pressionou, com força, a xota contra a rosca, apertando, com as duas mãos e ritmadamente, a barriga do “enrabado”. O mais incrível é que, nuns trinta segundos, o maluco começou a peidar, peidar muito, numa série interminável de flátulos explosivos e fedidos. Eu deduzi que os peidos estavam entrando direto na mulher. O que se confirmou com o gemido- grunhido dela: “Mete! Mete! Mete esse peido na minha xota! Deixa minha bocetona toda fedorenta!!!”.

A bunda ossuda daquela piranha nojenta me deu náusea. Nojo total. Isso, aliado ao fato de que eu havia bebido muito (misturando e entornando muita porcaria), me levou diretamente para o vaso sanitário, onde foi dado início a uma sessão convulsiva de vômito.

O vômito, aliás, é uma coisa divina. Você põe tudo pra fora, sua pra cacete, limpa a merda do estômago, melhora na hora! Dá um cansaço e é sofrido, mas quando termina, faz-se a luz. No entanto, melhor ainda que vomitar é vomitar e peidar ao mesmo tempo. Só digo uma coisa: é o ápice da expurgação. Catarse pura. Foi o que fiz.

Acordei suado, num susto. Eu estava sonhando... O peido na boceta.... Merda! Eu tinha realmente vomitado... Caralho! Vomitei muito! Puta que pariu, como me irrita não lembrar das coisas... O que rolou ontem?

De repente, comecei a perceber que não estava no meu quarto, na minha cama. Eu estava estatelado, no chão de um banheiro bem escroto. Porra! Que banheiro imundo! Um cheiro de merda insuportável estava no ar e percebi logo que vinha da minha bunda. Eu, além de vomitado, tinha cagado nas calças e estava passando mal, numa pocilga que eu não reconhecia. Era muita merda mole escorrendo pelas minhas pernas. “Onde estou? Que lugar é esse? Que merda! Não tem papel! Como eu odeio isso!”

Num espaço ínfimo de tempo, alguns relances vieram à minha mente. Estávamos bebendo, eu e dois amigos enchendo a cara para ir à manifestação... Essa prometia mais confusão e brigas com a polícia que as anteriores. E prometia também muita garotinha louca por uma revolução... Nas duas anteriores eu tinha me dado muito bem... Fiquei com umas quatro gatas maravilhosas, universitari-azinhas cabeças, que frequentam Lapa, Santa Teresa, forró e baile funk de comunidade. Não tenho nada contra o povo se manifestar, mas não acredito mais que este país vá mudar... É corrupção demais, entranhada na alma de cada um... Mas enquanto houver passeata, protesto e porradaria com a polícia, vai ter gatinha na rua cheia de amor em estado ebulitivo e eu quero cuidar delas. No final das contas, acabo contribuindo com o que quer que seja, engrossando as “massas”. O fato é que

estávamos entornando o caldo em algum boteco da Lapa - acho que na rua do Lavradio - antes de irmos rumo à Candelária. Eu já tinha fumado um e tomado uma bola. Eu fiquei muito, mas muito doido. Lembro de termos saído do bar... caminhada... e deleitação alcoólica total. Mais nada. Amnésia de álcool é foda...

Quando me dei conta, o silêncio do ambiente foi quebrado por sons contínuos de peidos e uma voz... Eu reconheci imediatamente aquela voz. Voz de puta, bem rampeira. Era a voz da puta que estava no meu sonho! Eu comecei a achar que ainda estava dormindo, mas não. Meus olhos estavam bem abertos. Era ela mesma e alguém estava peidando do lado de fora do banheiro. Bem ali. "Ainda devo estar doidão ou algo parecido", eu pensei. E decidi conferir o que acontecia. Puta que pariu! O banheiro em que eu estava deitado era mais asqueroso e pútrido que o do sonho! Tentei ficar de pé e tive a pior sensação da minha vida: não conseguia mexer as pernas! Nada, da cintura para baixo! "Será que eu fiquei paraplégico? Será? Meu Deus! Calma! Calma. Calma... Vamos pensar... De onde eu vim, depois do bar? O que aconteceu antes de eu aparecer aqui? Cadê meus amigos? Por que eu estou aqui?"

Foi quando o gosto da minha boca foi ficando salgado e ela, repleta de saliva grossa. Um enjoo absurdo emergiu do nada, trazendo uma sonora e escandalosa vomitada, sobre mim e sobre o que restava de um tapete de borracha que mais parecia uma fazenda de bactérias e micróbios. Eu estava tão exausto, sujo e assustado, que esfregar meu rosto naquele chão cheio de mijo e coisas podres já não me importava tanto.

Eu devo ter feito muito escândalo expelindo minhas entranhas, porque a porta do banheiro se abriu e surgiu a própria puta do meu sonho. Foi um choque. Eu realmente não tinha sonhado. A vagabunda da boceta-aspirador era real e estava na minha frente. "Tá passando mal, neném?" Ainda muito zozzo, perguntei onde estava. Ela riu, mostrando uma arcada dentária onde se via restos de comida e manchas pretas (e onde sustentavam-se apenas uns setenta por cento dos dentes) e um par de peitos que mais pareciam bolas de varizes, e mandou: "Você tá no inferno, neném. Isso aqui é o inferno." Continuei insistindo. "Que bairro é esse?"; "Qual seu nome?"; "Como eu te conheci?"; "Como eu vim parar aqui?"; "Quem está aí com você?"

A vagabunda ficou séria, dentro do possível, e me disse que de todas as perguntas que eu fiz só poderia responder a última. "Neném, não tem mais ninguém aí, já foi embora. Era um cliente." Quanto ao resto, ela simplesmente disse que não responderia, nem por dinheiro. Estava proibida. "Mas proibida por quem?". E ela repetiu, seca, que estava proibida. "Os caras só me pediram pra deixar tu aqui e me deram uma grana." E saiu do banheiro. Antes que fechasse a porta, gritei. "Porra, você vai me deixar aqui? Olha o meu estado!" Ela me fitou e disse que eu aguentasse por um tempo. "E por que não consigo mexer minhas pernas? O que aconteceu comigo?" Ela se abaixou, trouxe seu rosto para perto do meu e disparou. "Paralisia é normal. Olha só... eu não devia dizer não, mas eu ouvi os cara dizer um pro outro que isso tudo é pra tu aprender a respeitar as esquerda." Saiu, passando chave na porta do banheiro, por fora. Durante uns cinco minutos ouvi o que parecia ser aquele estrupício humano se vestindo. Logo depois, som de porta batendo. Eu estava só naquele banheiro, naquele quarto, naquele inferno.

Uns quinze minutos depois ouvi, vindos da rua, rumor de multidão, gritaria, sons de tiros e um cheiro inconfundível: gás lacrimogêneo.

Edmundo Dan, carioca, 44 anos, formou-se em Jornalismo (PUC-RJ) e em Cinemadocumentário, (FGV-RJ). Também é roteirista, ator e cineasta.

Meus olhos lacrimejaram.

O jovem estirado ao meu lado aparenta ter dezessete anos de idade. O líquido escarlate escorre sobre as pedras portuguesas, meu sangue se mistura ao dele deslizando na calçada. O gás lacrimogêneo marejou meus olhos e turvou minha visão. O ar conduziu a química até as minhas narinas. Tentei inalar vida, no entanto meus pulmões foram golpeados pelo efeito das bombas não letais. A queimação na boca chegou escoltada pelo gosto do passado.

Enquanto as folhas caíam, jovens se levantavam durante o outono de mil novecentos e sessenta e oito. Afligidos pela ditadura militar, a prole sentia-se oprimida pela mãe gentil citada no hino nacional. Recém-ingressado no curso de Administração da UFRJ, eu já tinha sido influenciado pelo espírito manifestante estudantil dos amigos da faculdade. Marchei pelas ruas da cidade em passeatas calorosas, levantei cartazes, corri da PM...

A polícia invadiu o restaurante estudantil, situado próximo ao Aeroporto Santos Dumont, por ter abrigado anteriormente uma prisão de escravos o lugar foi batizado como Calabouço. O comandante da tropa, aspirante Aloísio Raposo matou um dos nossos amigos com um tiro à queima roupa. A morte do Edinho foi considerada o primeiro homicídio de um estudante pela ditadura. Os nervos estavam à flor da pele e o embate entre os militares e o povo foi inevitável. Naquele instante gerei em mim uma espécie de ojeriza aos fantoches fardados.

Noite. Inverno de dois mil e treze, ao invés de flocos de neve, eram as cinzas que descaíam pelo ar, o cenário ao redor parecia ter sido tirado de um filme de guerra. A blazer preta com insulfilme G5 passeava pelas ruas à espreita de manifestantes desordeiros ou não. Dentro do veículo, quatro policiais mascarados vestidos à paisana portando armas letais ansiavam o momento de apertarem os gatilhos. A intenção, a priori, não era matar e sim coibir todo aquele furor que imperava nas ruas do Centro do Rio de Janeiro, porém, o tiro atingiu em cheio a cabeça do rapaz. Corri até ele e abaixei-me para constatar o óbvio: estava morto.

Dor.

O mundo girou e me deparei no solo, caído ao lado do corpo que jazia no chão, pude ver o homem, provavelmente amigo do jovem morto, correr com uma barra de ferro na mão. Acertaram a minha nuca, o sangue emana em grandes proporções, já passei dos sessenta, não sei se irei resistir

por muito tempo, meu grupo está sob um forte ataque e não tem como chegar até mim.

Contemplei o manifestante sem vida mais uma vez e me perguntei: o que aconteceu com aquele jovem revolucionário que residia em mim há quarenta e cinco anos?

O tempo passou e acabei me tornando um oficial da PM.

Mesmo aposentado fiz questão integrar a equipe em nome do Estado.

Não acredito em ironia do destino, acho que aos poucos fui me vendendo ao sistema e matando meus ideais. Vivi ideologias que não eram minhas. Os estilhaços do passado me atingiram, vi no jovem ao meu lado reflexos meus que se esvaíram no tempo. Ele estava ali lutando por um país melhor. Ele era eu. Neste exato momento percebi que me matei ao puxar aquele gatilho.

A escuridão foi ficando cada vez mais densa, a inconsciência foi me dominando e os meus olhos se fecharam para nunca mais se abrir. E lutando as causas de quem nem mesmo sabe o meu nome, morri inimigo de mim mesmo.

Rodrigo Alves é músico e designer. Recusado em Hogwarts, fez publicidade. Um dos autores da antologia Amores Impossíveis. Hobby: Mentir para crianças em contos.

A CAIXA

MARCOS BASSINI

Eu te amo, Pedro não disse. Não era disso, era um homem duro. Não se derramava, era um homem seco. Além do mais não diria nada que não tivesse certeza: amor é coisa séria, não se distribui que nem bala, muito menos que nem as de chumbo.

Ou melhor, Pedro até disse eu te amo, mas bem baixinho, quase um murmúrio, olhando para a porta que se fechava enquanto o amigo ia embora. Pois é, era assim que ele costumava se referir a Saulo: meu amigo. Mas para quem observasse bem os dois juntos, o amor deles não era segredo. Já o que havia dentro da caixa, era.

Saulo chegou a perguntar a Pedro: o que tem nesta caixa?

Nada, é segredo, Pedro disse. E Saulo saiu sem saber o que havia ali dentro. Em compensação, sabia de muitas outras coisas. Sabia, por exemplo, que Pedro de vez em quando se fingia de manifestante pra fotografar os mais radicais. E que, às vezes, se fantasiava de radical pra atizar a polícia e justificar a violência do contra-ataque.

Mas o que tinha na caixa, afinal? Bem, o conteúdo estaria em todos os jornais do dia seguinte, fotografada e filmada nas mãos de Pedro, que se diria manifestante pacífico e bradaria aos jornalistas que a caixa em suas mãos, cheia de coquetéis molotov, era dos baderneiros. Dos baderneiros! Cá entre nós, Pedro já dizia o que havia dentro da caixa antes mesmo de abri-la, mas a cena foi rápida, poucos perceberam o furo.

Bem, agora que o conteúdo da caixa não é mais um mistério, vamos voltar ao que interessa?

Vamos lá para o dia anterior, bem antes da reportagem que acabamos de narrar. Vamos entrar no meio da manifestação que acontecia e ir lá para a frente, junto daqueles rapazes de preto, com rostos cobertos de panos e máscaras, enfrentando a polícia. Vamos observar os Black Blocs ateando fogo nas latas de lixo para impedir o avanço do batalhão, chutando bombas de volta aos canos imprecisos, amparando na carne as balas perdidas de borracha. Vamos avançar através da fumaça, sem lacrimejar, respirando pimenta, protegidos pelo pano dessa história que aos poucos se revela. E chegar perto daquele Black Bloc imobilizado por um policial, um rapaz que está sendo acusado de ser o dono da tal caixa de coquetéis molotov.

Vamos virar o rosto e reparar em Pedro bem aqui do nosso lado, descobrindo junto com a gente que esse tal rapaz com o rosto esmagado contra o chão é Saulo. Vamos acompanhar os segundos de angústia. O dilema de não saber se mantém o disfarce, respeita a estratégia a ele confiada, ou se protege o amigo, levemente acusado. Além do mais, se dissesse que a caixa era dele, como explicar aos colegas, como fugir do achincalhe profissional - e moral - que certamente se seguiria? Bem, ao que parece Pedro mandou tudo às favas: empurrou os policiais, levantou Saulo do chão e deu um longo beijo em sua boca logo depois de confessar: A caixa é minha.

Para Saulo, que agora sorri, é como se Pedro tivesse confessado outra coisa. É como se tivesse escutado, finalmente: eu te amo.

Marcos Bassini é redator, roteirista, compositor e lança em novembro, durante a Balada Literária (SP), o livro de poemas Senhorita K.